

MARTINEZ, Enrique Miura. *La música Precolombina. Un debate cultural después de 1492*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2004. 302 pp. ISBN: 84-493-1525-5.

Daniela La Chioma Silvestre*

No âmbito ainda limitado dos estudos de musicologia pré-colombiana, o número e a periodicidade de publicações especializadas são escassos se comparados às outras áreas da musicologia. Por isso é comum, por parte dos pesquisadores, uma acolhida satisfatória de todos os novos estudos que estejam em desenvolvimento, especialmente porque a interdisciplinaridade do tema permite que não só os arqueólogos se aventurem nele como também músicos, historiadores, antropólogos, etnólogos e todos os profissionais que estejam de alguma forma ligados à investigação do passado e do legado cultural deixado pelas sociedades que, mesmo desaparecidas, transmitiram para os seus atuais descendentes fortes traços de sua ligação com a vida, portanto de sua visão de mundo.

Ao percorrer a publicação do crítico musical espanhol Enrique Martínez Miura, esta interdisciplinaridade fica evidente, como também fica evidente a necessidade que os profissionais envolvidos na área de *etnoarqueomusicologia* (como bem definiu Dale Olsen) têm de alcançar um grau maior de interação entre as disciplinas, para que as discussões não fiquem restritas às diferentes áreas do conhecimento, especialmente no meio acadêmico (onde ocorre comumente uma situação que leva o músico a só manter diálogo acadêmico com outro músico, o arqueólogo com outro arqueólogo etc.).

Apesar de o título do livro se referir ao conceito de *precolombiano*, o que poderia implicar em toda a América Latina, o autor estabeleceu os limites de seus estudos em duas áreas:

Mesoamérica e Andes. O Caribe e as terras baixas sul-americanas são raramente citados para exemplos ou comparações. Esta divisão foi idealizada provavelmente com base na quantidade de fontes escritas deixadas pelos cronistas da época Colonial e talvez por se tratar de regiões culturais onde floresceram as denominadas – por muito tempo – *altas culturas* ou Estados e, por isso mesmo, mais abundantes em material arqueológico relativo à música, até por terem acolhido mais escavações profissionais. Desta forma, são áreas regionais que convidam naturalmente às discussões sobre a música, pois são tradicionalmente bem servidas de fontes históricas do período da conquista, como cartas, crônicas e outros tipos de documentos que permitem trabalhar com a maneira de perceber e compreender o outro, em um momento único de encontro e de estranheza para ambos os lados.

Miura propõe um *debate cultural*, um trabalho de discussão, não exatamente acadêmico, no qual tenta passar por um sem-número de questões ligadas diretamente à música para as sociedades da América Pré-Colombiana, tais como a religião, a dança, a estética musical, o seu uso político etc.. O autor se detém principalmente no caso da Mesoamérica, retendo-se mais nos astecas que nos maias e, finalmente, faz algumas alusões aos Andes sul-americanos tratando genericamente do caso *Inca*. O autor não explora as culturas pré-incaicas que tanto contribuíram para a música andina, como os Moches e os Nasca, grupos costeiros que antecederam a ocupação incaica do Litoral peruano e que sem dúvida deixaram marcas no desenvolvimento musical da época Inca. Vale ressaltar que a presença de instrumentos de som e cenas de músicos e bailarinos no material arqueológico de ambos os grupos é riquíssima.

(*) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP. Graduada em História, Bolsista PIBIC-CNPq. danielachioma@gmail.com

Na bibliografia não há menções a Max Peter Baumann (*Cosmologia y música en los Andes*), ao último livro de Dale Olsen (*Music of Eldorado*), aos D'Harcourt (*La musique des Incas et ses survivances*), Karl Gustav Izikowitz (*Musical and other sound instruments of the South American indians*) e Robert Stevenson (*The Music of Peru. Aboriginal and Viceroyal Epochs*) e tantos outros autores que ainda hoje são referência fundamental nos estudos da música pré-colombiana andina. Mas isto pode ter uma explicação defendida pelo próprio autor na introdução: para ele, a etnologia comparada não é um caminho confiável para a compreensão da música pré-colombiana porque tudo o que hoje existe já está contaminado pelo processo da conquista espanhola e posterior desenvolvimento da sociedade moderna. Da arqueologia fala pouco, mas considera uma forma importante de retomada das questões musicais e defende os documentos escritos coloniais como principal fonte de informações sobre a estética musical e sua posição na vida diária dos povos pré-colombianos.

Uma impressão inicial que se consolida no decorrer da obra é a de que o autor estudou os processos ocorridos no México muito mais densamente do que os andinos, traçando 80% das discussões no caso mexicano e deixando para o caso andino alguns exemplos válidos de comparação. Por isso mesmo, o autor escreve de forma muito proveitosa sobre o caso mexicano e mostra-se conhecedor dos cronistas que por lá estiveram, dos instrumentos musicais e até da cosmovisão nahua. No caso dos Andes as explicações parecem simplistas e faltam informações fundamentais sobre a visão de mundo do homem andino; a riqueza de material arqueológico no Peru não é abordada e são tratados apenas os cronistas mais conhecidos como Cieza de Leon, Guaman Poma e Garcilaso de la Vega. Os dados descritivos sobre o desenvolvimento da música na Mesoamérica são mais detalhados permitindo interpretações mais aprofundadas e minuciosas. Por outro lado, a música na América andina serve mais como contraponto e muitas vezes seu desenvolvimento é explicado de modo genérico. Isso porque todos os capítulos tratam destas áreas culturais simultaneamente. Ao passo que se explica uma determinada situação acerca dos nahuas, faz-se o mesmo para os maias e incas,

tentando provar algo em comum entre os três ou, ocasionalmente, de diferente.

A intenção comparativa do autor é louvável, já que poucas vezes os estudiosos se aventuraram na busca das semelhanças e diferenças dos hábitos musicais entre mesoamericanos e andinos, além disso, as informações que ele compilou são extremamente interessantes. A questão é que muitas vezes o autor desenvolve uma idéia complexa ligada ao pensamento nahua por páginas e páginas e em seguida faz uma rápida tentativa de comparação com os Andes que, ainda que seja válida e faça sentido, causa estranheza pelo fato de ele não ter desenvolvido a questão para os quéchuas e aymaras da mesma forma que desenvolveu para os nahuas. É como se o caso andino estivesse simplesmente confirmando uma proposta de cosmovisão pan-americana, de uma visão de mundo que começa no norte e chega até o sul. Ao homogeneizar tanto os indígenas quanto os europeus, Miura perpetua uma dicotomia entre o nós (ocidentais) e eles (nativos) que é tão criticada na etnologia atual.

Há um trecho sobre as flautas de pã na América do Sul que engloba diversas discussões tratadas abaixo:

Estos emisores sonoros estaban muy extendidos en las multiples culturas y tribus de la América andina. La causa de esta generalización pudo deberse a la expansion imperial inca, si bien no es descartable la opción de que la flauta multicálama surgiese primitivamente de manera simultanea e independiente en el seno de varios asentamientos culturales quizá llevada al principio desde Mesoamerica hacia el sur por sucesivas oleadas migratorias. Aun entre los habitantes – pertenecientes a culturas muy poco evolucionadas – de las tierras surcadas por los afluentes del Amazonas los cronistas españoles que llegan hasta ellas tienen oportunidad de ver a los nativos portando los “órganos que tañen la boca”. (p. 137)

O autor atribui, *a priori*, a grande difusão das antaras pela região andina à expansão Inca. Os estudos arqueológicos já feitos provaram que existem antaras muito antigas, pré-incas, em todas as regiões da Costa peruana. Tanto na Costa Norte quanto na Costa Sul (Moches e Nasca) escavações arqueológicas trouxeram

à luz quantidades consideráveis de material arqueológico, incluindo antaras datadas de períodos anteriores à época Incaica, chegando até aos milênios de antiguidade (como, por exemplo, as de Caral na costa central do Peru. São as flautas arqueológicas mais antigas encontradas até hoje na região andina com aproximadamente 4.500 anos de idade). Pelos poucos estudos que foram feitos na região andina pode-se inferir então que é mais provável que os Incas tenham incorporado a antiga tradição musical pan-andina das antaras e não que a tenham espalhado pela região, pois era parte da própria tradição incaica reunir antigos elementos andinos.

De acordo com o trecho acima, para Miura, é possível atribuir-se uma origem mesoamericana à antara andina. O autor volta, talvez sem se dar conta, a um antigo modelo que atribui necessariamente às culturas do Sul uma origem no Norte, acompanhando as hipóteses mais aceitas sobre a ocupação das Américas. As teorias sobre a procedência de plantas e do homem do Norte até o Sul são realmente até hoje as mais acertadamente comprovadas por diversos estudos tanto dos esqueletos como das formas silvestres/modificadas das plantas e sementes – está provado, por exemplo, que o milho veio da Mesoamérica. Porém a questão fica mais complicada com os objetos e tradições artísticas porque geralmente estes estudos se fazem pela comparação da morfologia das peças e da cerâmica, são pesquisas a longo prazo. Para o caso peruano, há especialmente muitas semelhanças com a costa equatoriana, mas não necessariamente com a Mesoamerica. (Max Uhle defendia a teoria de uma origem mesoamericana para as culturas andinas, porém isso foi antes ainda de Julio Tello e são postulados anacrônicos na etnologia contemporânea). Por isso é algo que ainda não podemos afirmar, mesmo porque o autor teria que fazer uma comparação entre os formatos das flautas de pã nas duas regiões – no México foram encontradas algumas com apenas três tubos segundo ele próprio – e principalmente, atentar para as datações feitas pela arqueologia profissional.

Quanto às culturas amazônicas, é muito coerente a idéia de intercâmbio entre a Selva e

os Andes, pois são muito presentes os elementos amazônicos e selváticos na arte das montanhas, em diversos períodos, então é natural que os cronistas citassem elementos comuns aos Andes e à Amazônia em seus textos. Uma última crítica ao parágrafo seria a idéia de “culturas pouco evoluídas” como referência às populações amazônicas. Esta nomenclatura já superada pela antropologia poderia dizer respeito única e exclusivamente ao desenvolvimento material destas sociedades, e isto está deixando aos poucos de ser um critério para classificação. Muito se leva em conta agora os costumes, as crenças, a visão de mundo, o modo de interagir com a natureza e de lidar com o outro em sociedade. Desta forma, ao passo que uma sociedade possa ser “pouco evoluída” no sentido material, ela pode ser muito mais evoluída que um Estado no sentido mental, por exemplo, dando liberdade aos seus indivíduos para pensar, tendo uma filosofia bem estruturada, métodos de cura, respeitando a natureza e os outros integrantes do agrupamento.

Durante toda a obra perdura uma discussão *mito X razão* que se torna um pouco imprecisa porque não é possível entrever se o autor está apenas explicando a forma mitológica e aplicando-a aos ameríndios ou se está fazendo uma crítica ao mito em favor da razão. Isto ocorre, por exemplo, nas passagens que se seguem, e como as quais há muitas outras semelhantes.

(...) con la manera de pensar primitiva, de acuerdo con la cual la civilización es un don de seres superiores, nunca un proceso trabajado o inventivo del ser humano. (p. 54)

Pero, traspassado el nivel simplemente verbal – de tanto poder, sin embargo, en las culturas no muy desarrolladas (...) (p. 58)

Estas afirmações são geralmente arriscadas. Antes de tudo porque o autor teria que explicar qual o seu sentido de “primitivo”, “não evoluído”. Se for apenas a questão das sociedades verbais, então o livro está ultrapassado nos níveis antropológico e lingüístico. Há debates acadêmi-

cos que já deram conta da questão do alfabeto, da palavra, dos pictogramas e de todas as formas de representação ameríndia como uma comunicação precisa, não necessariamente alfabética e que inclusive possui uma lógica sofisticada. Vide por exemplo *Writing without words: Alternative Literacies in Mesoamerica and the Andes* editado por Elizabeth Boone e Walter Mignolo, uma obra que trata das questões do alfabeto, desenho e arte enquanto vocábulo na América Pré-Colombiana. A noção de “palavra” por exemplo, nem mesmo existia entre os nahuas:

Lockhart remarked that the notion of “word” was alien (at least during the sixteenth century) to the Nahuatl population that was using alphabetic writing, as they transcribed sound, syllables and sentences but not words. (p.296)

Ou seja, Segundo Lockhart, se nem após a chegada dos espanhóis o conceito de palavra foi absorvido pelos astecas, imagine então antes, quando a cultura convivia apenas com seus postulados filosóficos e suas crenças, sem interferências alheias. É então duvidoso, hoje em dia, atribuir às sociedades pré-colombianas o rótulo de “verbais” e mesmo das sociedades que antecederam os Estados, pois a arqueologia e a antropologia vêm mostrando que a escrita pode ter diferentes sentidos e formas de se praticar.

Portanto, em algumas passagens, Miura toca em questões que carecem de contextualização

antropológica, histórica e etnográfica, já que o autor trabalha sobretudo com as crônicas Coloniais e, embora muitas vezes se mostre atento para a visão de mundo dos cronistas, parece que o autor toma emprestada esta mesma visão de mundo para construir seu debate.

Há diversos capítulos interessantes que passam pelos instrumentos, a lírica ameríndia, a dança, e todos eles sempre brindados com as impressões dos Cronistas, o que gera um interessante aspecto da sensação de “descoberta” da cultura do outro no momento da Conquista. Dentre estes florescem debates sobre a interpretação teatral, sobre os sistemas musicais possivelmente utilizados. Sobre o controle político, religioso e social por meio da canção ligada ao mito e, portanto, à obediência; entre outros que desembocam na análise final da introdução da música européia nas colônias especialmente por meio da instituição da Igreja Católica.

A produção é razoavelmente extensa para que possamos debater aqui todos os pontos, portanto, foram selecionadas algumas questões que dessem conta da organização da obra pelo autor e, especialmente, seu enfoque.

O estilo agradável e corrente, as questões sugeridas pelo autor e as informações levantadas na obra fazem valer a pena sua leitura, porém sempre com ressalvas quanto a alguns estudos ainda não muito aprofundados.

Referências bibliográficas

BAUMANN, M.P.

1996 *Cosmología y música en los Andes*. Madrid: Vervuert – Iberoamericana.

BOONE, E.H; MIGNOLO, W. (Eds.)

1994 *Writing without words: alternative literacies in Mesoamerica and the Andes*. Duke: University Press.

HARCOURT, D.R.; HARCOURT, M.

1925 *La musique des Incas et ses survivances*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.

IZIKOWITZ, K.G.

1935 *Musical and other sound instruments of the South American Indians*. Göteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag.

OLSEN, D.

2002 *Music of Eldorado. The ethnomusicology of Ancient South American Cultures*. Gainesville: University Press of Florida.

STEVENSON, R.

1960 *The music of Peru*. Washington: Pan American Union.

Recebido para publicação em 4 de outubro de 2007.